Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO—VOLUME IX—N.º 259

1 DE MARÇO 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

D. Netto

A Princeza Maria Amelia de Orleans, futura esposa do Principe D. Carlos (Segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

Terminámos a nossa ultima chronica com a noticia da queda do ministerio regenerador e da ascensão ao poder do partido progressista.

Essa noticia foi accrescentada quando reviamos as provas e por isso a resumimos a duas linhas.

Hoje o motivo da crise do ministerio presidido pelo sr. Fontes é sabida de toda a gente, a solução da crise tambem.

Achando difficuldades em resolver pacificamente a questão levantada entre Braga e Guimarães, o governo regenerador não querenda dar a esse conflicto uma resolução violenta e tentando acalmar as excitações dos espiritos para ver se conseguia chegar a um accordo entre as duas cidades, pediu á corôa um addiamento das camaras, visto a politica ter lançado mão d'esse conflicto como arma de combate, e o parlamento longe de auxiliar o ministerio n'esse empenho pacificador exaltar cada vez mais o debate. A corôa no uso plenissimo do seu direito negou ao gabinete presidido pelo sr. Fontes esse addiamento pedido, e o gabinete tomando essa recusa como falta de confiança da corôa apresentou a sua demissão a el rei que se dignou acceitar lh'a e que encarregou o sr. José Luciano de Castro, chefe do partido progressista de organisar o novo gabinete.

O sr. conselheiro José Luciano apresentou d'alli a 48 horas a el-rei o novo ministerio que no dia 22 do mez passado fez a sua entrada na camara dos deputados.

O novo ministerio é, como toda a gente sabe, composto pelos srs. conselheiro José Luciano de Castro, presidente do conselho e ministro do reino; Mariano de Carvalho, ministro da fazenda; Visconde de S. Januario, ministro da guerra; Barros Gomes, ministro dos estrangeiros; Henrique de Macedo, ministro da marinha; Francisco Beirão, ministro da justiça; e Emygdio Navarro, ministro das obras publicas.

Estes nomes representam as capacidades mais illustres do partido progressista e são na maioria bem conhecidos de todo o paiz pelas altas provas de aptidão que tem dado tanto no parlamento, como na imprensa.

O Occidente occupa se hoje n'outro logar detidamente dos novos ministros, cujos retratos publica, e nós que não fazemos politica, abstraindo completamente qualquer opinião partidaria, congratulamo-nos por ver nas cadeiras do poder alguns amigos velhos, e alguns antigos collegas de quem de ha muito apreciamos o talento provadissimo, e desejamos por elles e pelo paiz, que o novo ministerio corresponda dignamente ao muito que ha a esperar das aptidões, e da capacidade dos illustres ministros que o compõem.

Resolvida a crise politica que durante dois dias dominou as preoccupações de Lisboa, os theatros voltaram a occupar o primeiro logar nas attenções dos lisboetas.

E d'esta vez são todos os theatros principaes de Lisboa ao mesmo tempo, cada um com a sua novidade ruidosa.

A novidade do theatro de D. Maria é talvez a peça mais velha que anda ahi hoje pelos theatros de Lisb a

Nem mais nem menos que o *D. Cesar de Bazan*, um drama de Dumanoir e Dennery que tem a bagatella de 42 annos.

O *D. Cesar* representou-se pela primeira vez em Paris na *Porte-Sainte-Martin*, em 5 d'agosto de 1844; não foi um grande *successo* para os seus auctores, mas foi um triumpho enorme para o grande Frederick Lemaître.

Quem havia de dizer então á pobre peça que em 20 de fevereiro de 1886, havia de ter um *successo* muito agradavel como comedia e ser um bello triumpho para Augusto Rosa!

Pois foi.

Quando o *D. Cesar de Bazan* se representou pela primeira vez em Paris, Theophilo Gautier, que empunhava então o sceptro da critica theatral deu uma sova desapiedada na peça e nos seus auctores a quem tratava com grande ar desdenhoso por *ces messieurs*.

Artista de raça, acima de tudo, cioso como ninguem da dignidade da sua arte, Theophilo Gautier não perdoava a Dumanoir e a Dennery o terem commettido a profanação d'ir r. ubar ao mundo Huguianno uma creação do grande poeta do *Ruy-Blas* para a explorarem á sua vontade.

Este escrupulo d'artista é muito bem entendido; e effectivamente acceitando o personagem de Dumanoir e Dennery como o personagem de Victor Hugo, todas as sovas de Theophilo Gautier são muito bem dadas porque o personagem está perfeitamente transtornado como caracter, como individualidade, como concepção artistica. Mas acceitando-o o *Cesar de Bazan* de Dumanoir independentemente do Cesar de Bazan de Victor Hugo, como se separa o *Figaro* de Sardou do *Figaro* de Beaumarchais, não fazendo de tão d'alto a critica, analysando-o como uma peça de capa e espada, uma comedia d'enredo e de situações o *D. Cesar de Bazan* é divertissimo, e mesmo muito bem feito, tem algumas scenas magistraes, verdadeiros achados como por exemplo a scena do 4.º acto entre D. Cesar e o rei de Hespanha.

Imaginem a situação.

D. Cesar que para todos é tido por morto ha muito tempo encontra no quarto de sua mulher o rei de Hespanha que anda a querer seduzil-a.

Estranhando ver alli aquelle homem, D. Cesar pergunta-lhe:

— Quem é o senhor?

O rei, que tomára o nome de D. Cesar, para que a mulher de D. Cesar o tomasse como seu marido a quem nunca vira, responde, mettendo-se dentro do seu papel.

— Sou D. Cesar de Bazan, conde de Garofa. E o senhor quem é?

O verdadeiro D Cesar, que tem conhecido entretanto o rei, responde-lhe immediatamente:

— Eu sou Carlos II, rei de Hespanha e das Indias!

Como vêem esta scena é uma bella scena de comedia.

Ora esta peça deu-se ha muitos annos no theatro de D. Fernando com o titulo *O Rei e o Aventureiro* e depois com este, e com outros titulos tem corrido todos os theatros da provincia, durante annos e annos.

Pois apesar de tudo isto, foi uma bella idéa traduzil-a de novo, e traduzil-a tão bem como o fez o illustre poeta o Visconde de Monsaraz, foi uma bella idéa pôl-a em scena e com tanto luxo e com tão excellente desempenho como a poz agora o theatro de D. Maria II e foi uma bella idéa porque foi um bello negocio e porque o *D. Cesar de Bazan* não foi só um grande triumpho para Augusto Rosa, foi um bom par d'excellentes receitas para a empreza.

O D. Cesar de Bazan, agradou immenso: interessou muito o espectador e divertiu o durante cinco actos sem o cançar um momento.

O desempenho foi excellente por parte de Virginia, Emilia Candida, Amelia da Silveira, João Rosa e Augusto Antunes e magistral por parte de Augusto Rosa, que fez muito bem em escolher esta peça para seu beneficio e que teve no papel de Frederico Lemaître, o mais notavel trabalho de toda a sua já gloriosa carreira artistica.

A creação de Cesar de Bazan representa um grande progresso, um passo gigante que valeu a Augusto Rosa desde as primeiras phrases do seu papel, applausos calorosos que acompanham toda a peça, até se transformarem no fim da comedia n'uma enthusiastica ovação.

Outra novidade do theatro de D. Maria, foi uma comedia n'um acto, original de Maximiliano d'Azevedo intitulada *Contos e bordão*.

Esta comedia, escripta em verso é um delicioso quadrinho da vida de Lisboa no começo d'este seculo, feito com a consciencia escrupulosa, o esmero castiço de linguagem, e o fino talento de observador que distinguem todos os trabalhos litterarios de Maximiliano d'Azevedo.

Os leitores do Occidente conhecem já o muito que vale este talentoso rapaz, que com um enthusiasmo e uma paciencia pouco vulgares entre nós se dedica especialmente ao estudo das nossas coisas antigas, á leitura dos classicos, ás investigações eruditas e trabalhosas dos archivos.

Por não termos olhado n'esse dia para o cartaz do theatro de D. Maria perdemos a *première* da comedia de Maximiliano, e, com grande pesar nosso, porque além do interesse que nos despertam todos os originaes portuguezes, esse merecianos especial sympathia pela velha amisade, pela boa e leal camaradagem que ha longos annos nos prende ao seu auctor.

Entretanto esse pesar foi nos minorado, por termos já conhecimento dos principaes trechos da graciosa e erudita comedia e por recebermos conjuntamente com a noticia d'ella ter sido representada, a d'ella ter sido recebida com grande agrado por todo o publico, que victoriou o auctor e os interpretes das *Contas e bordão*.

Este genero litterario de comedias, estas resurreições d'epochas passadas, da sua vida intima, dos seus costumes familiares, estão pouco vulgarisadas entre nós. Comprehende-se isso porque além de talento requerem um estudo minucioso e trabalhoso que não é muito facil de fazer na nossa terra fóra dos archivos, á mingua de livros que nos transportem a essas epochas passadas.

Por todos estes motivos muito mais applausos merece ainda o bello trabalho de Maximiliano de Azevedo, que recommendamos a todos os delicados, e a tod s os curiosos de estudos de costumes portuguezes antigos.

O theatro da Trindade teve a novidade d'uma debutante, uma cantora que veio do districto de Aveiro para o concelho d'Offenbach munida d'uma vósinha agradavel, muito desembaraço e certa petulancia que não fica mal n'uma cantora d'operetta.

Chama-se Isaura Ferreira essa debutante que o publico acolheu festivamente. Isto de ser propheta em theatro, de ser Bandarra d'estreias d'artistas está muito desacreditado. Os melhores enganam-se ás vezes redondamente. Emilio Doux o celebre reformador da arte scenica portugueza quando assistiu ao debute do Taborda disse que elle nunca havia de ser nada em theatro e no fim de tudo elle foi e é, graças a Deus, nem mais nem menos do que o primeiro actor comico da nossa terra: os criticos theatraes do jornalismo de Lisboa quando Emilia Adelaide se estreiou no theatro de D. Maria na comedia a *Garra quebrada*, disseram d'ella peior que Mafoma disse do toucinho; quando Leoni appareceu a representar em theatros particulares os augures foram todos unanimes em que estava alli um grande actor dramatico, um successor do Tasso e do Epifanio, e em vista de todos estes *fiascos* de prophecia nós não aventaremos nenhum vaticinio sobre a nova actriz da Trindade.

O publico gostou d'ella e nós não divergimos muito do publico, e se ámanhã a actriz Isaura fôr uma actriz de primeira grandeza no ceu da Arte não nos admiraremos nada apesar de não esperarmos muito que suba a essas elevadas eminencias.

Da novidade do Gymnasio, a estreia de Bernardo Pindella no theatro falámos a correr na nossa ultima chronica e n'esta nem a correr nem devagar porque está a terminar o espaço de que podemos dispôr.

A novidade de S. Carlos foi um *Fausto* maravilhoso, cantado pela Devriés e pelo Masini, um *Fausto* como actualmente se não ouve em nenhum outro theatro do mundo.

Essa fica para a proxima chronica juntamente com a *Aida* que se annuncia para qualquer d'estas noites.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

A PRINCEZA MARIA AMELIA DE ORLEANS

No dia 8 de fevereiro ultimo, foi declarado officialmente o proximo casamento do principe real portuguez D. Carlos com a princeza Maria Amelia de Orleans, filha do conde de Paris.

Os boatos que tinham circulado, de que a viagem de sua alteza, tinha relação com o seu casamento com a nobre filha do Conde de Paris, foram verdadeiros, e a noticia foi recebida com geral agrado, tanto em Portugal, como em França onde a imprensa tem sido unanime em louvores ao futuro enlace, sympathico para ambos os paizes latinos e que assim mais estreitarão os seus laços naturaes de raça.

Para tornar ainda mais auspicioso a futura alliança, o amor concorre para ella, o que nem sempre acontece nos casamentos de principes, em que muitas vezes se obdece mais ás conveniencias diplomaticas do que ao coração.

O principe D. Carlos, tem despertado em Paris todas as attenções e inspirado as maiores sympathias.

Uma série interrupta de diversões e festas lhe tem sido proporcionadas pela familia Orleans, e essas festas tem sido como um idyllio amoroso dos futuros consortes.

Foi o sr. Andrade Corvo, ministro de Portugal em Paris, o encarregado de entregar as cartas autographas de el-rei D. Luiz e da rainha D. Maria Pia, o conde e condessa de Paris, em que era pedida em casamento a princeza Maria Amelia. Esta ceremonia teve logar no palacio de Varennes no dia 7 de fevereiro.

A resposta dos Condes de Paris foi favoravel e desde então o casamento do principe D. Carlos deixou de ser um segredo de estado, para se tornar um facto publico que encheu de contentamento as duas nações amigas.

A princeza Maria Amelia de Orleans ainda não completou 21 annos de edade, pois nasceu a 28 de setembro de 1865. Dá-se a coincidencia dos futu-

ros esposos fazerem annos no mesmo dia, sendo o principe D. Carlos mais velho dois annos que a princeza.

É a filha mais velha dos Condes de Paris, tendo mais cinco irmãos: o principe Luiz Filippe Roberto, e as princezas Helena Luiza, Maria Izabel, Luiza Francisca e o principe Fernando que tem apenas dois annos não completos.

A sua biographia resume-se em poucas palavras, como não podia deixar de ser para quem alvorece para a vida, até agora concentrada nos estudos da adulescencia e nos affectos feliaes.

Mas o que lhe falta em factos sobeja-lhe em dotes do espirito e do physico.

Educada cuidadosamente por seus paes, o seu espirito tem-se enriquecido, á maneira que o physico se tem desenvolvido em belleza.

De estatura mais que regular, é de uma elegancia superior e de uma physionomia attrahente e sympathica que revella todas as bondades da sua alma.

A familia Orleans é hoje representada pelo Conde de Paris e está ligada com as principaes familias reinantes da Europa, entre as quaes se conta a Russia, Inglaterra, Austria-Hungria, Italia, França, Hespanha, Grecia, Saxonia, Meklemburgo, Coburgo-Gotha, Belgica e Portugal.

A ligação d'estas familias é bastante complicada e por isso mesmo muito curiosa, principalmente no momento actual.

A casa Hohenzollern, da Allemanha, está reunida a todas as casas reaes da Allemanha, á casa imperial da Russia, por ser o imperador Guilherme I tio materno do czar Alexandre III; á casa real de Inglaterra, por ser casado o successor da corôa germanica com a princeza Victoria, filha da rainha de Inglaterra, e por uma filha do fallecido principe Frederico Carlos ser casada com um filho da rainha Victoria, o duque de Connaught; á casa Bonaparte, pelos Beauharnais e Murat; á casa real da Hollanda, pela princeza Maria, filha do fallecido Frederico Carlos, casada com o principe Eugenio dos Paizes Baixos; á casa real da Belgica pela princeza Maria, filha do defuncto principe Carlos Antonio de Hohenzollern-Sigmaringen, casada com o conde de Flandres.

A casa dos Guelfos, Inglaterra, está alliada ao duque de Brunswick, d'onde é proveniente, e aos Saxe-Coburgo-Gotha, sendo a rainha Victoria viuva d'um principe da dita casa. É aparentada tambem com a casa imperial da Allemanha pela princeza Victoria, casada com o principe imperial Frederico Guilherme e pelo duque de Connaught, casado com a princeza Luiza Margarida; com a casa real da Dinamarca pelo principe de Galles, casado com a princeza Alexandra, filha do rei da Dinamarca; com a casa de França por ser a princeza de Galles cunhada da princeza Maria de Orleans, filha do duque de Chartres e mulher do principe Waldemar, da Dinamarca; com a casa real da Grecia, por ser a princeza de Galles irmã do rei Jorge; com a casa imperial da Russia, por ser a princeza de Galles irmã da imperatriz da Russia e ser o duque de Edimburgo, irmão do principe de Galles, casado com a grã-duqueza Maria, irmã do imperador Alexandre III.

A casa de Hapsburgo-Lorena (Austria-Hungria) está unida á casa de Wittelsbach, por ser casado o imperador Francisco José com a princeza Izabel, duqueza da Baviera; á casa de França, por ser a duqueza de Alençon, irmã da imperatriz Izabel; aos Bourbons, de Napoles, por ser tambem a rainha de Napoles irmã da imperatriz Izabel, e aos Bourbons de Hespanha por ser a rainha regente Maria Christina, archi-duqueza de Austria; á casa real da Belgica, por ser casado o principe herdeiro de Austria, archi-duque Rodolfo, com a princeza Estephania, filha do rei Leopoldo II e ser a rainha dos belgas, archi-duqueza de Austria; á casa de Saboya por ser a mãe do rei Humberto a archi-duqueza austriaca, Adelaide.

A casa de Holstein-Gottorp (Russia) está alliada á casa imperial da Allemanha por ser Alexandre III, segundo sobrinho do imperador Guilherme, por linha feminina; á casa de França, por ser a imperatriz da Russia, cunhada da princeza Maria de Orleans; á casa real da Grecia, por ser a imperatriz da Russia irmã do rei da Grecia e ser a rainha da Grecia, filha do grão-duque Constantino, tio de Alexandre III; á casa real de Inglaterra, por ser a imperatriz da Russia irmã da princeza de Galles e o imperador Alexandre III irmão do duque de Edimburgo; á casa real de Dinamarca, por ser a imperatriz da Russia, filha do rei Christiano.

A casa de Saboya (Italia), vae alliar-se de novo á casa de França, pelo casamento da princeza Amelia de Orléans com o principe herdeiro de Portugal, sobrinho do rei Humberto. Está alliada á casa Bonaparte por ser o rei Humberto irmão da princeza Clotilde, esposa do principe Napoleão; á casa de Bragança por ser o rei Humberto, irmão de D. Maria Pia, rainha de Portugal; á casa imperial da Austria, por ser a mãe do rei Humberto uma archi-duqueza de Austria; á casa reinante de Saxe por ser a mãe da rainha Margarida a duqueza de Genova, filha do defuncto rei João de Saxonia; á casa real de Baviera, por o duque de Genova ter casado com uma duqueza da Baviera.

A casa dos Bourbons de Hespanha está alliada á casa de França, de que é um dos ramos. A condessa de Paris é sobrinha da rainha Izabel e cunhada do defuncto rei Affonso XII e seu irmão vae casar-se com uma irmã d'este; á casa imperial da Austria-Hungria pela rainha regente Maria Christina; á casa real da Baviera pela infanta Paz, casada com o principe Luiz Fernando, da Baviera.

Não está ainda fixado officialmente o dia do casamento, sendo, entretanto de suppôr que elle se realise, terminado que seja o luto da familia real.

Os futuros consortes occuparão o palacio de Belem, que para esse fim se está preparando luxuosamente.

Parece que serão nomeadas damas de honor da princeza Amelia as sr.as marqueza das Minas e viscondessa do Seisal.

Para professora de lingua portugueza da princeza foi escolhida a sr.a D. Maria do Carmo Pinho de Magalhães, residente em Paris.

Procurámos reunir n'esta noticia sobre a princeza Maria Amelia, tudo que pudesse illucidar o leitor sobre assumpto tão importante, assim como apresentar-lhe o melhor retrato que podemos obter da gentil noiva do principe D. Carlos, mandando vir directamente de Paris uma photographia para a reproduzirmos no nosso periodico.

Em presença do retrato póde-se bem calcular que não são exaggerados os elogios que se tem feito á elegancia e formosura da esposa do principe herdeiro da corôa de Portugal.

OBRAS DO PORTO DE LEIXÕES

O guindaste Titan

É uma verdadeira monstruosidade, um dos grandes arrojos da mecanica moderna, o immenso guindaste que está funccionando nas obras do porto de Leixões e que se destina a collocar blocos artificiaes do peso de 50 toneladas no fundo do mar, para a construcção dos molhes.

O illustre publicista o sr. Oliveira Martins, falando d'este poderoso apparelho, comparou-o á torre dos Clerigos, deitada de costas.

Effectivamente, nada mais imponente do que ver esta machina extraordinaria deslisar serenamente pelos carris em que assenta, girar em todas as direcções com a maior facilidade, erguer sem o menor esforço pesadissimas massas e ir submergil-as no fundo do oceano.

Para melhor se avaliarem as dimensões e estructura do Titan, que o OCCIDENTE hoje reproduz em gravura, damos aqui as seguintes minudencias:

O grande braço mede de comprimento 68m,75, dividindo-se para a frente em 46 metros e para a rectaguarda ou culatra, em 22m,75. O contrapeso, n'esta ultima parte é formado por um macisso de alvenaria. A altura do braço, no centro, é de 5 metros e meio, na culatra, de 3 metros e na extremidade opposta, de 80 centimetros.

Esse braço repousa sobre uma torre assente em um plano circular, ao qual imprimem o movimento giratorio 16 rodas de aço, agrupadas quatro a quatro. Pelo centro de um veio, que liga o braço á torre, passa o eixo vertical, que dá movimento ao apparelho de translação do guindaste. O plano circular tem 9m,20 de diametro.

Toda a parte superior do guindaste assenta sobre duas paredes parallelas appoiadas em 32 rodas, collocadas em dois grupos de oito rodas de cada lado, e as quaes giram em quatro carris de aço, separados cada par, por uma entrevia de 8m,70.

No cimo do braço, para o lado da culatra, estão as caldeiras de vapor da força de 50 cavallos, bem como uma machina que commanda todo o mechanismo do Titan. Um só homem, movendo as alavancas, põe em acção todos os membros do immenso apparelho.

O peso total do guindaste é de 450 toneladas de ferro e o braço tem força para pegar em 50 toneladas até 27 metros do centro da trave, e em 15 toneladas até 47 metros.

O tempo gasto em cada operação é de 16 minutos e 20 segundos, divididos do seguinte modo: 30 segundos para erguer um bloco de 50 toneladas a 20 centimetros acima do solo; 550 para o descer á profundidade de 8 metros; 250 para subir de novo a cadeia e apparelho de suspensão; 150 para engate e desengate.

Um vagon carregado engata-se, levanta-se, vira-se e torna-se a collocar sobre os carris em 4 minutos.

Uma zorra de translação corre sobre uma linha ferrea assente ao longo da parte superior do braço, sendo movida por uma cadeia que o cabrestante tocado pela machina a vapor enrola e desenrola. Essa zorra percorre a extensão do braço, levando os apparelhos de suspensão para tomar ou deixar os blocos ou os vagons carregados.

O movimento do Titan sobre os carris é dado por um eixo vertical ligado á machina a vapor. Esse eixo, com as respectivas ingrenagens, imprime acção a duas cadeias Galle, collocada uma em cada lado da torre.

Este guindaste, bem como o outro que está montado, foram fabricados nas officinas de Fives Lille, em França.

O que acabamos de descrever, collado no molhe do lado de Leça tem funccionado excellentemente. O outro é instalado no molhe do lado de Mattosinhos.

O Titan, se admira pelas suas desenvolvidas proporções e pela sua extraordinaria força, não menos surprehende pela maravilhosa simplicidade do seu mechanismo e pela extraordinaria facilidade de todos os seus movimentos.

O vel-o trabalhar, assombra!

TYPOS DE LISBOA—O ANDADOR DAS ALMAS

De entre os typos que Lisboa tem visto desapparecer do seu seio, póde-se bem notar o andador das almas que muito raro se encontra hoje.

O ultimo exemplar que conhecemos d'esta especie foi na egreja dos Martyres, e esse exemplar era muito semelhante ao typo que Manuel de Macedo, n'um momento de bom humor, desenhou despertenciosamente no seu album, de que nos forneceu uma copia.

Nós saboriámos essa copia como bom typo comico que é, e como documento archeologico digno de se archivar, para que emfim se não percam completamente as tradicções dos costumes portuguezes, costumes que são o caracteristico de um povo, a expressão de uma epocha que passou.

Andador das almas foi officio rendoso, mas os tempos principiaram a correr-lhe mal, desde que os devotos foram desapparecendo, e que na escodella já não se juntava uma alluvião de moedas de cinco réis, alli depositadas em cumprimento de promessas faceis de fazer e economias de cumprir.

Sim, é preciso que se saiba que havia um costume muito inveterado de prometter cinco réis ás almas em troco de qualquer bugieria. Porque se perdia o novello com que se estava a costurar, porque se sumia a caixa do rapé de infronhada tabaqueira, porque os feijões se não cosiam bem, porque o dia estava de chuva e se precisava bom tempo para sahir á rua, porque o candieiro de tres bicos não dava boa luz por mais que se espivitasse, e emfim por um nunca acabar de insignificancias, que eram outros tantos motivos para incommodar as pobres almas que não tinham mãos a medir em attender a tantos rogos.

O proprio andador era um dos mais pedinchões, porque do bom peditorio tambem a sua alma partilhava e melhor que a sua alma, o seu corpo que sempre se regalaria com melhor refeição acompanhada de boa pinga.

A matadella do bixo, essa era certa, com as estrellas ainda no ceu e antes do primeiro toque da missa. Depois, pelo dia adiante, ia se aquecendo o forno á medida que as esmolas iam crescendo na escodella.

O mister de andador era quasi sempre desempenhado por velhos; homens de officio, que a folhas tantas, largavam a ferramenta pesada, para a trocarem pelo balandrau e pela escodella, que sempre era mais leve, e que nem por isso rendia menos que o officio.

Usavam capa encarnada com murça verde, e para resguardarem a cabeça do frio e do sol, traziam um barretinho de seda preta, e alguns de seda verde, para não destuarem da côr da capa.

A força de pedirem para as almas, as almas não chamavam por elles, e deixavam-nos por cá muitos annos, arrastando a velhice que ia por egual consumindo-lhe o corpo e o balandrau, tornando os verdadeiros seres pre-historicos.

O andador das almas principiou a rarear, quando principiaram a desapparecer as mulheres de capote e lenço. Se ainda ha algum andador das almas por Lisboa é decerto tão raro como o capote e lenço, e o ultimo d'estes trastes deverá fatalmente ser a mortalha do ultimo dos andadores das almas, mesmo porque o balandrau nem já para isso lhe poderá servir.

GUIMARÃES — MOSTEIRO DA COSTA

Por um engano, facil de acontecer, ainda que é a primeira vez que se dá no nosso periodico, houve troca na gravura que, sob o titulo acima, publicámos no nosso numero antecedente. O artigo dizia respeito ao mosteiro da Costa, e a gravura que publicámos representa uma vista da egreja dos Santos Passos, em Guimarães.

O NOVO MINISTERIO

Na *Resenha noticiosa* do numero antecedente demos noticia da demissão do ministerio regenerador, presidido pelo sr. conselheiro Antonio Maria Fontes Pereira de Mello, e a subida ao poder do partido progressista, sob a presidencia do sr. conselheiro José Luciano de Castro, o qual organisou gabinete composto dos srs. Barros Gomes, Marianno de Carvalho, Emygdio Navarro, Visconde de S. Januario, Henrique de Macedo e Francisco Beirão.

Publicando em o nosso numero de hoje os retratos dos novos ministros, acompanhamos esses retratos com alguns dados biographicos que podemos obter, e em que não temos a pertenção de fazer biographias, mas unicamente apontar os factos mais salientes que deem a medida da capacidade politica dos novos conselheiros da corôa.

José Luciano de Castro. — Presidente do conselho e ministro do reino. É um jurisconsulto distincto que tem o seu nome ligado a varias refórmas judiciaes. Aos quinze annos matriculava-se na Universidade de Coimbra, no primeiro anno de direito, e prosseguiu um curso brilhante, que lhe grangeou justa reputação entre a Academia. Aos vinte annos de idade tinha concluido o seu curso

O NOVO MINISTERIO

José Luciano de Castro
Presidente do Conselho e Ministro do Reino

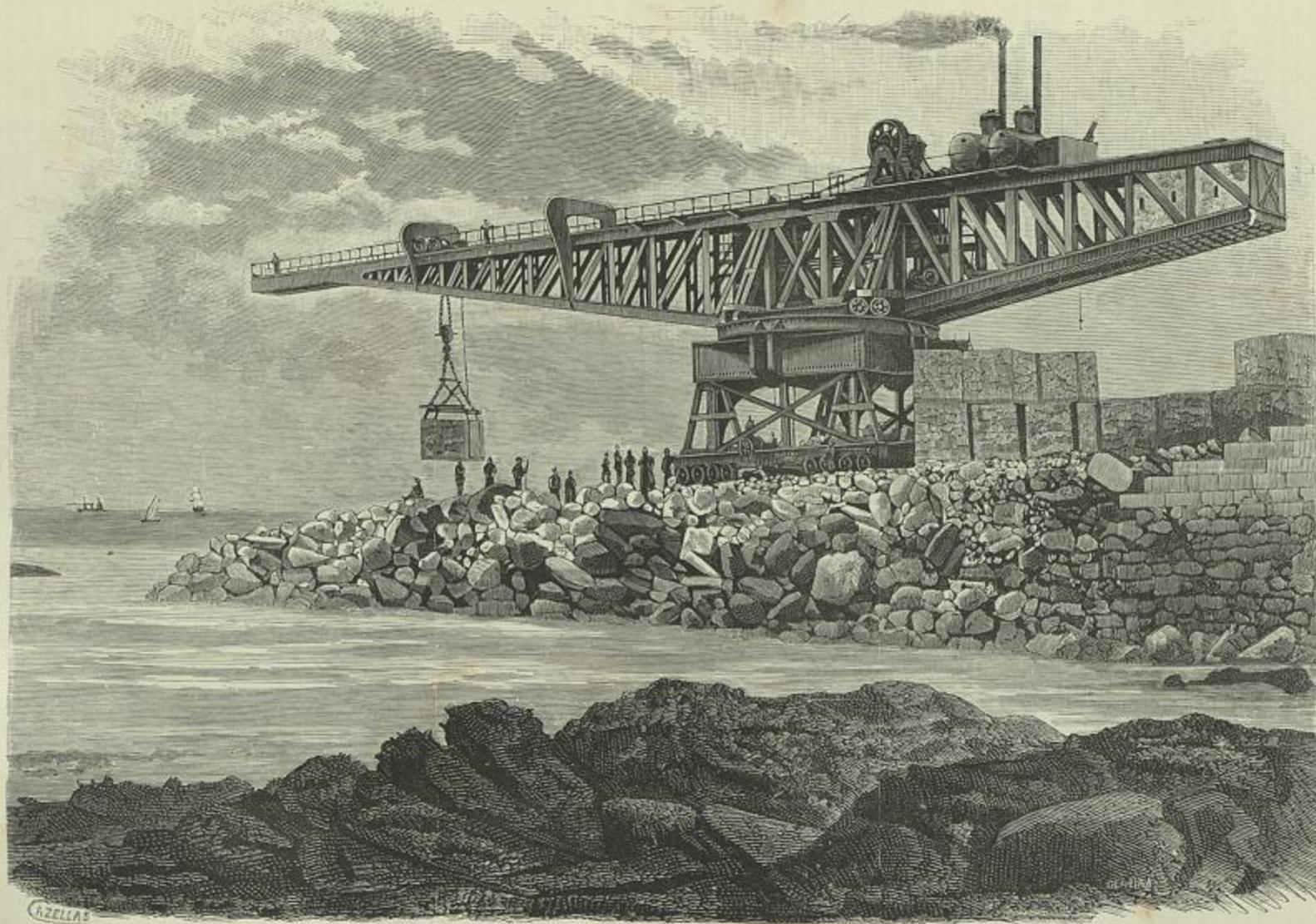
Henrique de Macedo Pereira Coutinho
Ministro da Marinha e Ultramar

Marianno Cyrillo de Carvalho
Ministro da Fazenda

Visconde de S. Januario
Ministro da Guerra

Emygdio Navarro
Ministro das Obras Publicas

Henrique de Barros Gomes
Ministro dos Extrangeiros

Francisco Beirão — Ministro da Justiça

Obras do Porto de Leixões, o guindaste Titan (Segundo uma photographia de Biel)

academico e entrou na vida politica, tomando assento na camara dos deputados, como representante do circulo da Feira por onde foi eleito a primeira vez deputado, em 1854. Ha trinta e dois annos, portanto, que sustenta na tribuna, que em raras legislaturas tem deixado de occupar, os creditos de um parlamentar vigoroso e luctador, tendo visto desapparecer um a um os chefes do seu partido a principiar pelo duque de Loulé e a acabar em Anselmo Braamcamp, o ultimo colhido pela morte ainda ha poucos mezes.

O sr. José Luciano de Castro é hoje o digno successor d'aquelle venerando chefe do partido progressista, e este logar eminente conquistou-o pela firmeza dos seus principios politicos que lhe mereceu a confiança dos seus correligionarios para o elegerem seu chefe.

Foi ministro pela primeira vez, em 1869, occupando a pasta da justiça, no ministerio formado pelo duque de Loulé, e pela segunda vez, em 1879, gerindo a pasta do reino no gabinete presidido por Braamcamp.

Na vespera de ser ministro, foi nomeado conselheiro de estado effectivo, na vaga deixada pelo fallecido general Caula. Esta nomeação foi bem merecida, porque o sr. José Luciano de Castro é um dos homens politicos mais reputado do paiz.

Henrique de Barros Gomes. — Ministro dos extrangeiros. Deputado desde 1869, pelo circulo de Santarem, tem occupado a cadeira no parlamento com pequenos intervallos, sendo um dos mais assiduos oradores do partido progressista.

Foi pela primeira vez ministro da fazenda no gabinete formado pelo sr. Braamcamp, em 1879, e a sua gerencia n'esta pasta foi assignalada por algumas medidas importantes tendentes a equilibrar as finanças.

É socio correspondente da Academia das Sciencias, e um dos directores do Banco de Portugal.

Tem alguns escriptos publicados sobre assumtos financeiros, que se encontram no *Jornal do Commercio, Commercio do Porto*, e outros jornaes.

Conta hoje quarenta e tres annos de edade e ha dezesete que milita na politica, sendo um dos membros mais importrntes do partido progressista.

Marianno Cyrillo de Carvalho. — Ministro da fazenda. Professor de mathematica na Escola Polytechnica de Lisboa, jornalista consummado e um dos mais constantes luctadores do partido progressista, tem sustentado e defendido com rara habilidade, no *Diario Popular*, de que é redactor ha cêrca de vinte annos, a politica do seu partido.

Parlamentar, occupa ha dezesete annos um logar brilhante no parlamento portuguez, sendo sempre um dos adversarios mais temiveis do governo, quando opposição.

Na imprensa e na tribuna tem sempre dado a preferencia ás qnestões financeiras, sobre que tem dirigido o melhor dos seus estudos, e é esta circumstancia, sem duvida, que o levou a ministro da fazenda, na primeira vez que entra nos conselhos da coroa.

O provado talento do sr. Marianno de Carvalho e a sua longa carreira politica, é uma garantia para o novo ministro que em occasião tão difficil não exitou em tomar a seu cargo a pasta das finanças.

Como professor, como jornalista e como parlamentar, tem a sua reputação feita, resta fazel-a como ministro.

Visconde de S. Januario. — Ministro da guerra. É a segunda vez que é ministro, tendo sido a primeira vez ministro da marinha e ultramar, em 1880, n'uma recomposição ministerial do governo progressista. Militar distinctissimo, tem desempenhado de um modo superior, todas as commissões de que tem sido encarregado, tanto no serviço militar como no civil. Governador por varias vezes nas provincias ultramarinas, deixou boa memoria de si em Cabo Verde e na India, onde o seu governo se assignalou por factos importantes de boa administração. Desempenhou missões diplomaticas do governo portuguez na China e no Japão e depois junto das republicas americanas; estas commissões foram sempre exercidas com acerto e patriotismo.

Tem sido deputado em diversas legislaturas, conservando sempre uma grande independencia.

A sua instrucção militar completou-a ainda com o curso de mathematica da Universidade de Coimbra.

Tem grande pratica dos negocios administrativos e é geralmente estimado e respeitado no exercito.

Emygdio Navarro. — Ministro das obras publicas. Funccionario distincto e a popularidade do seu nome tem-n'a ganho na imprensa e na tribuna.

É um verdadeiro combatente, que, com a penna e com a palavra, tem luctado heroicamente pela politica do seu partido.

Dotado de grande robustez physica, ella lhe permitte dar grande actividade ao seu espirito e é assim que além dos seus encargos como funccionario publico, o encontramos no parlamento e na imprensa, com o mesmo vigor, com a mesma actividade.

É uma das individualidades mais distinctas do partido progressista. Depois de ter sido redactor do *Progresso, Primeiro de Janeiro, Correio da Noite*, etc., fundou ha pouco mais de um anno o jornal as *Novidades*, jornal que em pouco tempo, tem tido uma voga extraordinaria.

O sr. Emygdio Navarro tem pouco mais de trinta annos o que demonstra quão depressa tem vencido a sua carreira politica, para chegar a ministro.

Henrique de Macedo Pereira Coutinho. — Ministro da marinha e ultramar. Já de ha muito que milita na politica no partido progressista. É par do reino e digno successor de seu pae que honrou o pariato portuguez com distincção pouco vulgar. É professor de mathematica da Escola Polytechnica de Lisboa, logar que tem desempenhado com superior distincção.

Na camara dos pares tem sido o orador mais distincto do seu partido, a sua argumentação é persuasiva e serena, sem arrebatamentos espectaculosos e de uma elegancia de phrase que attrahe e convence. É um diplomata para o que lhe não falta finura de espirito e instrucção sólida.

Pouco mais tem de quarenta annos e o seu tirocinio politico tem sido tão distincto, que a sua entrada para o ministerio, logo que o partido progressista subisse ao poder, era caso previsto por correlegionarios e adversarios.

Francisco Beirão. — Ministro da justiça. Pertence a uma familia que conta homens importantes na sciencia, no clero e no funccionalismo, e o sr. Francisco Beirão sustenta honrosamente essas tradições. Nasceu a 24 de julho de 1841 e é filho do celebre medico Beirão.

Cursou a Universidade de Coimbra, onde foi condiscipulo de Saraiva de Carvalho, Fernandes

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 258)

XXII

O genio do mal

Á primeira vista comprehende-se logo que Manuel de Pina, esse homem astuto e perdido, não era estranho ao que se estava passando.

Affirma-o a sua inesperada apparição no momento em que o *Trovão* e o *Frade* se julgavam livres, graças á intervenção secreta dos proprios homens, cujas vidas elles tinham pretendido vender, por effeito de um pacto infame, aos agentes servis da tyrannia e do despotismo de Castella.

E de facto:

Quanto acaba de succeder, todos esses acontecimentos que, de surpreza em surpreza, têem prendido a nossa attenção, tudo fôra obra de Manuel de Pina, a personalisação mais completa do genio do mal.

Esse miseravel havia procurado conceber um plano complicado e terrivel, que lisongeasse o espirito vingativo do corregedor e fizesse d'esse magistrado poderoso e temido, alguma cousa mais que um amigo seu: um cumplice, um instrumento da sua vontade e dos seus caprichos.

Se tal conseguisse teria obtido a chave de um grande enigma e alcançado a meta das suas aspirações: dominar sem responsabilidade pessoal, por conta alheia, ser a tyrannia, e parecer a auctoridade, a influencia, a protecção.

Como é sabido, o corregedor mandou-o chamar com o fim de lhe provar a sua debilidade e communicar o seu segredo.

Elle obedecia ás influencias particulares que patrocinavam Solis e seus amigos, a quem odiava profundamente.

Tinha um grande alcance esta revelação para quem não sentia nenhum escrupulo em manejar as mais vis armas da calumnia, da delação e da intriga.

O corregedor lançando se-lhe nos braços, pedia-lhe tacitamente os seus serviços.

Para mais confirmar a confiança com que o acceitava por instrumento e por cumplice ao mesmo tempo, offerecia lhe a sua propria casa.

Mandava-o pensar por conta propria e pedia-lhe um plano tenebroso, secreto, mas decisivo, que para sempre o emancipasse das pressões estranhas que se oppunham á sua vontade e á sua vingança.

Que mais queria?

Manuel de Pina, levado nas azas da sua phantasia diabolica, julgou-se n'um accesso de vaidade infernal, não menos temivel que Satanaz

Imitando o anjo das trevas elle recolheu-se nas escuridões da sua alma tenebrosa e mergulhou n'ellas todo o fel da sua preversão nativa.

Pensou toda a noite e concebeu um plano infernal, mas para a realisação d'elle precisava de auxiliares dignos

E inquietava-o isto, porque na verdade não lhe parecia facil achar infames capazes de compartilhar com elle a responsabilidade da execução do seu monstruoso plano.

Lembrou-se de que pelo menos podia contar com um braço vigoroso e destro — aquelle valente desconhecido que o acaso collocou ao seu lado para o defender dos amigos de Solis.

Mas onde iria encontral-o?

Todavia elle iria jurar tel-o visto passar junto de si quando se recolhia ao quarto que o corregedor lhe destinara; mas tantas coincidencias seria crivel que se dessem de uma vez em seu favor?

No outro dia de manhã a um dos familiares do corregedor, perguntou quem seria aquella pessoa que na noite anterior elle havia recebido logo em seguida á conferencia que comsigo tivera.

Era um dos agentes secretos do corregedor, com quem elle conferenciava a miudo e a quem recebia a toda a hora.

Exultou.

— Ah! se elle fosse de facto o seu valente defensor, que valioso auxiliar tinha ali?!

Pediu então para que avisasse o corregedor de que estava aguardando as suas ordens.

— Não póde recebel-o agora, vieram dizer-lhe, espere n'esta saleta.

— Mas porque não podia recebel-o? perguntou a si mesmo, experimentando um certo despeito, mal dissimulando um certo ciume.

Quem poderia merecer-lhe a preferencia n'aquelle momento?

— Está cá o homem de hontem á noite, o agente.

— Só?

— Não, acompanha-o um outro individuo, ao que parece, pela cara, official do mesmo officio.

— Dois collegas em vez de um, pensou Manuel de Pina.

Optimo! O corregedor tinha o seu exercito em ordem e só lhe faltava um general, uma cabeça que dirigisse.

E elle considerava-se desde já com muito orgulho esse general, essa cabeça privilegiada e superior.

O gabinete do corregedor ficou na casa proxima. Bastava atravessar um pequeno corredor para entrar no quarto que communicava com elle.

Para que havia de conservar-se alli na espectativa, podendo desde já entrar em exercicio da sua profissão, começando por expionar o proprio magistrado.

Introduziu-se subreticiamente na sala contigua ao gabinete, fechou-a para não ser surprehendido, e collocando-se sobre um escabello, espreitou pela bandeira, cujos vidros empoados teve o cuidado de limpar com a propria manga da vestia.

O corregedor fallava a dois homens que estavam na sua presença, e deviam de ser necessariamente os dois agentes secretos.

Logo á primeira vista o seu coração pulsou de muita alegria, porque n'um d'esses dois homens reconheceu effectivamente aquelle generoso espadachim que o havia salvado das garras aduncas dos companheiros de Solis.

A muito custo poude supprimir um grito de alvoroço.

Nada lhe escapou d'essa entrevista, nem o mais insignificante incidente, nem a phrase de menor significação.

Assim foi collocar-se no corredor por onde elles haviam de ser conduzidos, e no momento em que passavam junto de si, aproximou-se d'elles e disse-lhes de fugida aquella phrase que foi para o *Trovão* uma revel ção providencial:

«Não desesperem!»

Depois fez-se annunciar ao corregedor, mas o magistrado conservou-se durante todo o dia no seu gabinete, incommunicavel para qualquer outra pessoa de casa que não fosse o seu escrivão.

Vaz, Costa Lobo e outros distinctos academicos que teem honrado o fôro e a politica.

Formou-se em direito, em 1862, tendo o curso administrativo.

É conservador do districto Lisboa, emprego que alcançou por concurso, sendo classificado em primeiro logar.

Tomou pela primeira vez assento na camara dos deputados, em 1869, fazendo parte da maioria que appoiou o ministerio do bispo de Vizeu, e n'essa situação tornou-se logo distincto, como orador brilhante e argumentador profundo e sério.

Fóra da politica e dos seus encargos forenses, cultiva a litteratura tendo produzido algumas composições para o theatro.

Não lhe falta talento e habilitações scientificas para se desempenhar do encargo que tomou ao acceitar a pasta da justiça, que o seu partido lhe distribuiu na formação do novo gabinete.

Como dissemos não são biographias o que deixamos escripto, e nem isso seria preciso quando os membros do actual gabinete são tão conhecidos de nós todos pelas provas public s que teem dado, na sua vida politica e na sua competencia scientifica.

Sendo pomo vedado ao nosso periodico a politica, não está no nosso programma o pronunciarmo-nos por este ou por aquelle partido que legalmente se revesam na occupação do poder.

Registrando o facto historico, cumpre-nos, entretanto, fazer votos para que o actual governo possa fazer cumprir a lei, porque é esta sem duvida o pedestal mais seguro e o escudo mais vigoroso, em que se firmam e com que melhor se defendem as instituições, fazendo progredir o paiz na sua já brilh.nte civilisação.

C. A.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

IV

A exploração do fundo do Oceano — Thompson, Carpenter, Schmidt, Hæckel — O Bathybius Hæckelii de Huxley — Modificações devidas á pressão — Consequencias da differença de temperatura das aguas — Especieu dos mares do norte achadas nos mares do Equador — O novo cometa de Fabry — Opinião dos antigos ácerca dos cometas — Cometas historicos.

Foi Milne Edwards um dos primeiros que teve prova incontestavel de que nas grandes profundidades dos mares existem seres animados Fôra-lhe apresentado um pedaço do cabo telegraphico submarino que ligava Bone á Sardenha, e que immergira a uns 1:200 metros. O troço observado pelo naturalista francez cobrira-se de polypeiros e de mariscos. Só, porem, em 1860 é que os Estados-Unidos, a Inglaterra e depois a França, emprehenderam viagens de exploração submarina. N'estes ultimos tempos as viagens do *Travailleur* e do *Talisman*, tornaram-se notabilissimas pelos inumeraveis e preciosos documentos que obtiveram para a sciencia.

Antes, porem, d'estas duas ultimas explorações, já W. Thompson e Carpenter affirmavam que o fundo do mar era coberto nas maiores profundezas de uma fauna riquissima em animaes rhyzopodos e particularmente em especies de pequeno formato, pertencentes a differentes generos e á familia dos globigerin s. Pela accumulação constante das conchas que os revestem, constituem actualmente formações sedimentares analogas ás antigas camadas geologicas de cré. Huxley, o illustre auctor do *Man's Place in Nature*, observando a materia de que o fundo dos oceanos se acha coberto em grandes extensões, massa viscosa e albuminoide, julgou ser uma plasmodia produzida pelos organismos amiboides, á qual chamou *Bathybius*. Schmidt, observando n'essa plasmodia corpos calcareos, Coccolithes e Coccospheras, crê que esses corpos são organismos especiaes. Greef achou tambem que o lodo na agua doce occulta massas de protoplasma de consideravel extensão, e a essas deu o nome de *Pelobius*.

«Ainda que todas as verdadeiras moneras sejam realmente simples grumos de plasma vivo — diz Hæckel na sua *Ant ropogenia ou historia da evolução humana* —, ainda assim nas moneras, que vivem ou no mar ou na agua doce, pode haver classificações em muitos generos e especies, conforme os diversos modos de m talidade e de reproducção. A motalidade differe muito. N'algumas, por exemplo na protamiba, o glomerulo, quando se move lança prolongamentos de si, pouco numerosos, curtos, obtusos, digitiformes, mudando lentamente de fórma e de grandeza, sem nunca se ramificarem. Outras moneras emittem appendices numerosos, compridos, finos, a maior parte das vezes filiformes, irregularmente ramificados e cujas extremidades livres e moveis se entrelaçam e se soldam em fórma de rede. Nas profundidades pelagicas, enormes massas d'estas redes albuminoides e proteiformes se arrastam no fundo do mar.

«As correntes liquidas penetram lentamente no interior d'essa rede. Alimentando essas moneras com materia corante finamente pulverisada (carmin ou anil), e, se ao mesmo tempo, emquanto que a monera se acha sob o microscopio, se espalha algum d'aquelle pó corante na agua, essas particulas adherem primeiro á superficie da monera, depois penetram pouco a pouco no interior do glomerulo e alli se movem irregularmente. As moleculas da monera deslocam-se e produzem assim a translação das particulas corantes que se introduziram no meio d'ellas. Estas deslocações provam que no corpo da monera não ha uma fina estructura invisivel. As moneras são realmente homogeneas, sem estructura; todas as partes do seu corpo se parecem umas com as outras. Cada uma das partes da monera pode comer e digerir, cada uma das suas partes é irritavel e sensivel, dotada de movimento independente, e podendo-se reproduzir ou regenerar.

«É sempre asexualmente que as moneras se reproduzem. Nos protamibas cada individuo, tendo adquirido uma certa grossura, divide-se em dois pedaços. Forma-se um sulco em volta do corpo, como na bipartição de uma cellula. O isthmo que liga as duas metades torna-se cada vez mais delgado, até que se parte. Por este modo de simples bipartição, um individuo se desdobra em dois individuos independentes. Outras moneras contrahem-se em bolla, qu ndo teem attingido um certo tamanho; depois o globo protoplasmico segrega um involucro gelatinoso, no interior do qual a massa protoplasmica se segmenta, ou em quatro partes, ou n'um grande numero de pequenas espherulas. No fim de certo tempo essas espherulas começam a mover-se, rompem a membrana que as encerrava, sahem e nadam por meio de um cilio comprido e delgado; depois o simples crescimento leva as simples espherulas á fórma materna. Pode-se, pois, segundo a fórma dos diversos appendices ou pelos diversos modos de reproducção, distinguir nas moneras especies e variados generos.»

Hæckel, na sua *Monographia das moneras*, enumerou 8 generos e 16 especies. De todas as moneras a mais curiosa é o *Bathybius Hæckelii*, de Huxley, colhido na profundidade de 4:000 metros

---

Só no dia seguinte lhe poude fallar. Assumio com a maior petulan:ia a attitude severa de um homem que se julga em face de outro que lhe é inferior e por quem se cuida desconsiderado.

O corregedor, porém, estava expansivo, cheio de uma satisfação que o tornava indulgente de mais para que reparasse em tal.

Estendeu-lhe a mão amigavelmente e disse-lhe:

— Desculpe de não o receber hontem.

E sem dar tempo a que lhe respondesse, proseguiu:

Foi um dia cheio. Tive a gloria de provar ao conde-duque o meu zelo pela causa de sua magestade catholica, e a fortuna de evitar que se galardoassem serviços de um criminoso celebre, cujo julgamento vae ser tambem uma das minhas coroas.

Manuel de Pina conservava-se silencioso.

— Ora essa! exclamou com o espanto mais sincero o magistrado. Pois não me dá os parabens, não me abraça, não tem mesmo uma palavra para me acompanhar na minha justa satisfação e nem sequer a curiosidade de ser posto ao facto dos extraordin rios acontecimentos occorridos de hontem para hoje e que estão sendo em Lisboa e em breve serão em todo o reino objecto de assombro e assumpto de todas as conversações?!

Elle então respondeu com uma frieza atrevida e admiravelmente sustentada:

— É verdade, senhor, e só lastimo uma cousa, e é que se esquecesse tanto de mim n'um momento em que tanto carecia dos meus serviços!

O corregedor abriu muito a boca para fulminar talvez aquelle insolente com toda a indignação de que seria capaz a sua dignidade, mas conteve-se logo, considerando que devia ouvil-o primeiro que o condemnasse, e por isso disse-lhe com rispidez e seccamente:

— Explique-se.

Manuel de Pina, não porque deixasse de estranhar aquella maneira reprehensiva e aspera com que o corregedor o tratava, mas porque assim lhe conviesse, dissimulou o seu despeito sob a mascara de um zelo excessivo e de uma dedicação a toda a prova.

— Ah! exclamou elle, fingindo-se indignado, pois manda-me pensar na combinação de um plano que deve satisfazer um capricho seu de ha dez annos que lhe envenenava a existencia,; dá-me todos os poderes; declara-me que peça o que quizer para a realisação d'esse plano, e, quando venho dar contas de mim, dizer-lhe o que passei e imaginei durante uma noite de vigilia, de profundo e incessante cogitar; quando julgo ter cumprido o meu dever, é o proprio corregedor que se esquece do seu?!

Gabriel Pereira de Castro puxou os oculos para a testa, e da maneira mais espantada, como quem não podia suppor, uma vez que fosse, que qualquer pessoa, p.r gracejo ou confiança, houvesse de advertil-o, com tamanha liberdade, de que esquecia um dever, de que faltava ao que promettera!

Isto a elle, o corregedor do crime da côrte, o magistrado encanecido no serviço, o jurisconsulto abalisado, o homem de letras distincto, e por igual familiarisado com as musas e com o direito romano!

Assim, exclamou com toda a convicção e da maneira mais desassombrada:

— Eu, eu!

— Sim, porque depois do que se havia passado entre nós, logo devia ter comprehendido que dois homens como aquelles que mandou para a cadeia nos eram absolutamente necessarios.

O corregedor fez-se subitamente de uma pallidez mortal.

O juiz então desappareceu com toda a sua austera magestade para só ficar o réo, o cumplice de um crime premeditado de ha muito.

— Que está a dizer, Manuel, como sabe?...

— Sei tudo que se passou entre o corregedor e aquelles dois homens, porque no quarto proximo á sala do despacho eu ouvi quanto se disse. São dois homens preciosos, além d'isso um d'elles salvou-me talvez a vida ante-hontem, quando eu vinha para sua casa e tive o encontro desagradavel de que lhe fallei. Não é por certo um sentimento de gratidão que me leva a expôr-lhe estas rasões, é no interesse proprio, meu e seu; dê-lhes a liberdade e eu lhe juro que Solis será queimado na praça publica em menos de dois mezes.

Agitado, tremulo, como se ao redor de si a phantasia erguesse as mais sinistras visagens, o corregedor bradou:

— Cale-se, Manuel, podem ouvir-nos, não me deshonre, não me infame.

E gotejava um suor lento que lhe caia em bagas viscosas pelo rosto luzidio e imberbe.

Era meia victoria esta fraqueza do corregedor

Manuel de Pina avançava triumphante, ganhava novamente terreno.

— Quebra então o pacto que fez comigo, bradou elle, põe-me á disposição d'esse homem que me odeia e cujas infamias publicas a justiça fraca e obediente a mil sugestões despresiveis conserva impune? Não importa, lutarei sósinho, e todo o mundo saberá que existe um corregedor das justiças de el-rei que só faz o que lhe manda a freira de Santa Clara, *soror*...

Ia proferir um nome, mas o corregedor supplicante, n'uma afflicção enorme, não o deixou proseguir.

— Basta, basta, se a conhece, se sabe quem é essa mulher, mais uma rasão para ser benevolo com a minha fraqueza. Se é forte lute, se alguma cousa póde, vingue-me.

E estendeu-lhe a mão em signal de alliança.

. . . .

Horas depois os dois Pinas, pae e filho, preparavam o plano da fuga do *Frade* e do *Trovão*.

Quanto se passou a esse respeito, a carta de frei José do Menino Deus, os interrogatorios, tudo emfim fôra obra d'elles.

O pobre carcereiro entrara ali como um instrumento, e julgando que tratava com um enviado dos seus correligionarios, correspondia-se com o filho do escrivão do crime, que imitava optimamente a letra de fr. José: revelava todos os seus segredos, abria a sua alma ao espião!

Por isso, ao mesmo tempo que o *Trovão* e o *Frade*, por intervenção sua, alcançavam a liberdade, elle, o pobre velho, era preso e carregado de ferros como cumplice de alta traição.

Explicava-se d'este modo para o publico a fuga dos dois presos e serviam-se dois interesses, o do magistrado na sua reputação e o do homem na sua vingança.

Desde esse momento a sorte de Solis estava julgada. O poder occulto que até alli presidira ao seu destino, tornando-o invulneravel, ia ser subjugado emfim pelos ardis invenciveis do genio do mal, que inspirava a phantasia diabolica de Manuel de Pina.

(Continúa)

Leite Bastos

e ainda mesmo na 8:000, e que occupa grandes extensões do fundo do oceano.

No estado de repouso as moneras são pequeninas bollas mucosas, e quando se percebem á vista simples não passam da grandeza da cabeça de um alfinete.

Não é sómente de protistas que se acha povoado o fundo dos oceanos. Encontram-se lá animaes perfeitos, verdade é que alguns singularmente modificados pela pressão e condições de luz e calor. Os peixes pescados n'essas profundidades apresentam atrophia mais ou menos completa dos orgãos de locomoção; as partes osseas tornaram-se porosas e as escamas desappareceram. A fibra muscular, ainda que conservando o seu caracter histologico, tambem se atrophiou. Isto se observa nos crustaceos, taes como os *aristeos*. Os peixes trazidos pela draga á superficie das aguas, chegam altamente deteriorados pela rapida mudança de pressão, ao contrario das *actinias, echinodermes* ou *ouriços do mar* e *coraes*, que manifestam perfeitamente a sua actividade vital, embora já não pese sobre elles a enorme pressão de onde foram arrancados.

Como a temperatura do mar varia com a profundidade, as especies que habitam os mares septentrionaes podem viver sob o equador, buscando para isso as maiores profundidades. Por isso o *Talisman* colheu na costa da Senegambia, a 2:000 metros de profundidade, crustaceos proprios dos mares da Norwega, onde habitam muito pouco abaixo do nivel das aguas. Um mollusco, o *Scaphander punctostriatus*, que na Norwega se acha a 35 metros, foi pescado a 2:200 metros.

A desegualdade de temperatura do fundo dos oceanos é causa da irregular distribuição geographica dos animaes que o povoam.

Muitas especies perdidas, e que apenas se encontram no estado fossil, foram encontradas vivas n'essas duas explorações, que, sendo seguidas de outras, nos darão a curiosa fauna do fundo d'esses abysmos, que, na maxima profundidade até agora encontrada, medem 15:000 metros!

— O cometa descoberto por Fabry, no observatorio de Paris, deve, conforme os calculos de Weiss, tornar-se uma apparição brilhante, ainda que por pouco tempo. Na ultima quinzena de abril e principios de maio deve offerecer um aspecto magnificente, porque o cometa será circumpolar, e a lua não poderá prejudicar-lhe o brilho, tornando-nol-o menos visivel. Os paizes do hemispherio austral poderão gosar mais algum tempo, isto é, até julho, do aspecto do astro.

Em tempos de ignorancia e de superstição a apparição dos cometas era presagio de grandes calamidades. Os antigos, quando se referiam á grandeza dos cometas, alludiam simplesmente á extensão da cauda; todavia ha cometas cujo diametro apparente parece ter sido consideravel, independente da cauda. Se dermos credito a Seneca, depois da morte de Demetrius, rei da Syria — 146 annos antes da nossa era —, appareceu um cometa cujo nucleo se manifestava tão grande como o sol. Cardan affirma a mesma coisa com respeito aos cometas de 1521 e de 1556. O diametro do cometa de 1577, segundo Tycho-Brahe, era o dobro do diametro apparente de Venus. Homens tão eminentes como Aristoteles, Ptolomeu, Tycho, Bacon, Galileu, Hevelius, Longomontanus, Kepler, Riccioli e La Hire, pretenderam que os cometas fossem corpos recentemente formados e de existencia passageira. Alguns d'elles julgavam-nos corpos sublunares ou meteoros da atmosphera. O celebre Cassini affirmava que eram o resultado das exhalações dos outros astros. Por isso n'essas epocas de ignorancia os astronomos lhes davam pouca importancia. Tycho-Brahe, tendo observado no seu castello de Uraniburgo o cometa de 1577, compoz a esse respeito um livro, no qual demonstrava que os cometas pertenciam a regiões muito elevadas, e d'esse modo derrubou o systema admittido então dos ceos solidos e transparentes.

Mais tarde os astronomos conseguiram determinar a orbita de muitos d'elles, predizendo o seu regresso.

A historia dos tempos antigos relata-nos a apparição de cometas cujas caudas eram enormes. Um cometa de que fala Aristoteles, pelos annos 371 antes da era vulgar, occupava com a cauda a terça parte do hemispherio visivel, cerca de 60 graus. A do cometa de que trata Justino, 130 annos antes da era vulgar, e que assignalou o anno do nascimento de Mithridates, parecia occupar quasi todo o ceo. No anno 135 da era vulgar, segundo Seneca, a cauda de um cometa cobria toda a *via lactea*. O cometa de 1618 tinha a cauda do comprimento de 70°, segundo Kepler, ou de 104°, segundo Longomontanus em 10 de dezembro de 1618. Seneca, que resumiu a opinião dos grandes philosophos ácerca dos cometas, a qual era: que esses corpos eram planetas cujos movimentos deveriam ser perpetuos e as revoluções constantes, — sabia que as caudas d'esses astros são transparentes, porque atravéz se veem as estrellas.

TYPOS DE LISBOA — O ANDADOR DAS ALMAS
(Desenho de M. de Macedo)

Teremos, pois, em Abril mais esse espectaculo gratuito, o de um cometa visivel. Embora a vulgarisação dos conhecimentos uteis e do progresso da instrucção publica, não faltará quem veja no innocente astro o prognostico de alguma calamidade. Que injustiça! Ainda se fôra algum *cometa do orçamento* a augmentar o grande numero de cometas que temos por cá...

João de Mendonça.

RESENHA NOTICIOSA

FLORILEGIO DE BIBLIOPHILOS. *Redondilhas de Camões. Florilegio de Bibliophilos* é o titulo com que o nosso amigo Alfredo de Carvalho, illustrado director da Typographia Elzeviriana, resolveu baptisar a elegante collecção de mimos artistico-litterarios que se propõe dar successivamente a lume em livros da mais correcta execução typographica, por fórma que rivalisem com o que ha de mais perfeito no genero em prelos extrangeiros. Os *Versos de Bernardim Ribeiro* cujo apparecimento annunciámos em o nosso numero antecedente, e que tem causado as delicias dos amadores, constituem o primeiro volume do *Florilegio de Bibliophilos*. Agora seguem-se na mesma collecção as *Redondilhas de Camões*. E bem avisado a nosso ver, andou o editor em proceder assim, porque Luiz de Camões é realmente o continuador de Bernardim Ribeiro, a quem o poeta dos *Luziadas* chamava o seu Ennio. A obra é tambem revista e prefaciada pelo nosso amigo e collaborador o dr. Xavier da Cunha. Estamos certos de que a projectada edição das *Redondilhas de Camões* (restricta exclusivamente a uma tiragem de 200 exemplares numerados) representará mais uma digna revelação das aptidões artisticas do seu editor, bem como das litterarias do revisor e prefaciante. A inscripção para o numero dos 200 exemplares acha-se aberta já na Typographia Elzeviriana, Praça dos Restaudores, 51.

QUADROS CELEBRES. O museu de bellas-artes de S. Petersburgo adquiriu ha pouco, dois pequenos quadros de Lucas de Leyde, os quaes são conhecidos pelo titulo de *A cura do cego de Jericó*. Estes quadros, que se consideravam perdidos, foram encontrados em casa de um armador, que os vendeu ao museu por 8:000 rublos.

DR. PEREIRA CARDOSO. Falleceu no dia 22 do mez passado o digno par do reino sr. José Pereira da Costa Cardoso. Era o fallecido dotado de grande intelligencia e profundo saber, de que deu sobejas provas como professor que foi de mathematica na universidade de Coimbra, e depois na Academia Polytechnica do Porto, onde leccionou por largos annos. Desempenhou tambem os importantes cargos de reitor do lyceu do Porto e de commissario de estudos. Na politica tambem tinha uma parte importante, sendo um dos mais respeitaveis membros do partido progressista. Espirito elevado e bom, era bom professor, bom amigo e bom patriota, e a caridade tinha n'elle um dos seus melhores apostolos. Ainda não ha muito tempo fundou e dotou uma enfermaria para tisicos no hospital da Misericordia do Porto. A sua estremecida esposa mandou embalsemar o cadaver. O seu funeral realisou-se no dia 25. Que descance em paz o prestante cidadão.

CONFERENCIA NO COLYSEU. O professor sr. José Julio Rodrigues, realisou, no dia 21 do mez findo, uma conferencia publica no Colyseu dos Recreios sobre os impostos aduaneiros. A proficiencia com que o intelligente professor desenvolve os assumptos que se propõe tratar, a maneira clara e pratica com que faz a exposição, tem sempre merecido do publico os maiores applausos, applausos que ainda n'esta conferencia lhe dispensou, agradecendo assim ao illustre professor o grande serviço que lhe presta com as suas conferencias, em que tem muito que aprender e utilisar.

ARMA GUEDES. Dizem alguns jornaes que parece que o governo francez requisitou algumas armas do systema Guedes, para proceder a experiencias com este novo systema de armamento.

MEDALHA DE HONRA. A sociedade de geographia de Paris acaba de conferir aos exploradores portuguezes Capello e Ivens a medalha de ouro.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O Instituto, *revista scientifica e litteraria*, volume XXXIII, janeiro de 1886, segunda serie, n.° 7. Coimbra, *Imprensa da Universidade*. O summario d'este numero é o seguinte: *Vicente Ferrer*, por A. A. da Fonseca Pinto; *Parecer sobre o projecto de reforma dos estudos professados na faculdade de direito, elaborado pela commissão para este fim nomeada em conselho da faculdade de 16 de abril de 1883*, por Manuel de Oliveira Chaves e Castro; *Recrutamento do exercito*, por Manuel Luiz Coelho da Silva; *Noticia sobre as conchas terrestres e fluviaes recolhidas por F. Newton nas possessões portuguezas da Africa occidental*, por Augusto Nobre; e algumas poesias, etc.

Folha Academica, *hebdomadario scientifico e litterario*. Coimbra, *Imprensa Progresso*. Mais uma publicação litteraria que com muita distincção vem enfileirar-se na imprensa. A sua collaboração é variada e escolhida.

O Contemporaneo, n.° 155 do 12.° anno. Com este numero terminou a sua publicação este bello periodico, que tem sido uma verdadeira galeria de retratos dos artistas e litteratos portuguezes mais notaveis do nosso tempo. Esta publicação fundiu-se com uma outra de indole identica que a mesma empreza publica sob o titulo de *Commercio e Industria*.

Grande diccionario contemporaneo francez-portuguez e portuguez-francez, pelo professor Domingos de Azevedo, publicado com a approvação de Victor Hugo e revisto pelo sr. Luiz Filippe Leite, etc. Antonio Maria Pereira, editor, Lisboa. Está publicado até ao fasciculo 46. Com o andar da publicação vão augmentando os seus creditos de um dos melhores diccionarios que se tem feito para estudo da lingua franceza.

Bibliotheca do Povo e das Escolas. David Corazzi, editor, Lisboa. N.° 124, *Cristaes*, por J. F. Marques Pereira, illustrado com vinte figuras demonstrativas. Este livrinho é o complemento de um outro publicado que tem por titulo *O vidro*. Os dois dão sufficiente instrucção sobre o fabrico do vidro e suas variadas applicações.

TYP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.